
***Bárbaras cenas (2014) e o real não filmável*¹**

Patrícia Santos Santinelli²

Gênio Nascimento³

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP
Faculdade Paulus de Comunicação, São Paulo, SP

RESUMO

Neste resumo expandido, a partir do documentário *Bárbaras Cenas* (2014), dirigido por Fernanda Prado, Marcelo Fiorini e Mateus Fiorini, como trabalho de conclusão do curso de jornalismo da UniFAE, que traz os horrores do Hospital Colônia de Barbacena, e que antecipa o premiado Holocausto Brasileiro (Arbex; Mendz, 2016), procuramos analisar à luz de Jean-Louis Comolli (2018) e Jair Giacomini (2016), que o gênero documentário impõe certas restrições ao controle do que é roteirizado e do que é realmente captado, já que o sujeito-da-câmera não tem total controle sobre os corpos filmados.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; documentário; loucura; Comolli; *Bárbaras Cenas*.

Não sabemos desde quando as doenças mentais ou quaisquer outras enfermidades fazem parte da humanidade, no entanto, acredita-se que o adoecimento mental estava presente desde a Antiguidade, nas primeiras culturas, que surgiram no leste africano entre 100 e 150 mil anos atrás. Algumas escavações mostraram a existência de crânios perfurados cirurgicamente desde o período neolítico (cerca de 12 mil anos), o que pode sugerir tratamentos terapêuticos, como a busca pelo alívio de dores de cabeça (Landeira-Fernandez; Cheniaux. 2010. p.25).

Na Idade Antiga dava-se sentido divino e demoníaco a tudo o que acontecia na vida em sociedade e a maioria dos tratamentos para a loucura consistia na expulsão de espíritos ruins. As pessoas que apresentavam algum tipo de distúrbio mental eram consideradas divinas, pois suas condutas eram vistas como algo sobrenatural. Segundo Foucault, em seu livro “A história da loucura”, a sabedoria era preciosa, inacessível e temível aos olhos dos homens, porém, o “louco” a detinha por inteiro, como um saber invisível (Foucault, 1972, p. 26).

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Advogada pela Faculdade de Direito de Sorocaba – FADI; especialista em direito público pela Escola Superior do Ministério Público de São Paulo – ESMP; especialista em ciências penais pela Universidade Anhanguera/LFG; Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Audiovisual da Universidade Anhembi Morumbi – UAM; professora da Rede Pública de Ensino. E-mail: patriciasantinelliadv@gmail.com

³ Bacharel em Letras (USP), mestre e doutor em Comunicação Audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM, professor do curso de Pós-graduação *lato sensu* em Produção Editorial da Faculdade Paulus de Comunicação – Fapcom. E-mail: genionascimento@gmail.com

Ainda segundo Foucault (1972, p. 10), na Idade Média e na Renascença, com o surgimento do discurso da Medicina, a loucura foi considerada doença orgânica, mas a Igreja Católica disseminou a ideia de que os loucos tinham relação com o diabo, feitiçaria e maus espíritos, e que deveriam ser afastados da sociedade.

Já na Idade Moderna, as ideias ligadas à explicação sobrenatural foram rechaçadas. O filósofo Descartes, por considerar a mente como algo imaterial, fez repercutir o entendimento de que não seria possível estudá-la através de métodos científicos. Com a substituição do sistema feudal pela produção capitalista, baseada no comércio, fez-se preciso reorganizar a sociedade europeia, quando as Igrejas passaram a manter locais (Hospitais Gerais/asilos) para abrigar os chamados “indesejados” da sociedade; no entanto, esses indivíduos não recebiam tratamento médico e podiam permanecer ali até a morte. Foucault escreve que o tratamento da loucura passou a ser marcado pela dor, para que o sofrimento físico impedisse comportamentos raivosos. Na França de 1656, durante o reinado de Luís XII, foi construído o Hospital Geral de Paris, que se destinava a acolher os pobres, os loucos e as pessoas malquistas pela sociedade – mendigos, órfãos, prostitutas e idosos –, atuando como a terceira esfera de punição, depois da polícia e da justiça. Foucault chamou esse movimento de exclusão de “Grande Internação” (Foucault, 1972. p. 18).

No Brasil, de acordo com os estudos de J. Landeira-Fernandez e Elie Cheniaux (2010. p. 39), com a chegada da família real portuguesa, surgiram as Santas Casas de Misericórdia, instituições associadas à Igreja Católica, que ofereciam assistência aos portadores de transtornos mentais com métodos parecidos aos adotados pelos hospitais europeus. No entanto, o tratamento continuava a ser desumano. Na década de 1830, a classe médica do Rio de Janeiro protestou contra as atrocidades ocorridas, o que levou à construção do primeiro hospital psiquiátrico do Brasil, o Hospício Pedro II, posteriormente chamado de “Hospital Nacional de Alienados”.

A partir de 1884, quando as faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro criaram a cadeira de psiquiatria, houve um avanço no tratamento dos portadores de transtornos mentais. Nesse contexto, surgiu a figura do médico Juliano Moreira, diretor do Hospital Nacional dos Alienados do Rio de Janeiro e seguidor de Philippe Pinel, precursor do tratamento moral, cujo objetivo maior era a terapia ocupacional.

Assim, foram surgindo várias instituições psiquiátricas chamadas de “colônias de alienados” ou “hospitais-colônia”, cujo tratamento era baseado no trabalho na lavoura,

visando, assim, recuperar os pacientes e reintegrá-los à sociedade. Ocorre que esse método fracassou por falta de assistência médica aos portadores de transtornos mentais sem a possibilidade de ressocialização, o que fez com que a maioria deles passasse a vida internados (Landeira-Fernandez; Cheniaux. 2010. p. 40).

Somente em 1961, José Franco escreveu uma reportagem publicada pela revista *O Cruzeiro*, com fotos de Luiz Alfredo e José Nicolau, sobre o Hospital Colônia de Barbacena, que levava o título de “Hospício de Barbacena – sucursal do inferno”. Foi a primeira vez que os horrores daquele ambiente foram levados para além dos muros que o cercavam. Infelizmente, a reportagem foi logo esquecida e, somente quase duas décadas depois, no ano de 1979, a imprensa começou a direcionar os holofotes para a questão psiquiátrica no estado. A série de reportagens “Nos porões da loucura”, realizada por Hiram Firmino, com fotos de Jane Faria, publicadas no jornal *Estado de Minas*, obteve visibilidade nacional ao denunciar a violação de direitos humanos, bem como todas as atrocidades que ocorriam no Hospital Colônia. Nesse mesmo ano de 1979, o médico psiquiatra e reformista italiano Franco Basaglia⁴, visitou o hospital mineiro e ficou horrorizado com as violações de direitos humanos que viu. No mesmo ano, houve a gravação do documentário *Em nome da razão* (1979), de Helvécio Ratton a partir de cenas captadas no interior do Hospital de Barbacena – primeira vez que a instituição foi filmada, mostrando para o mundo, em formato audiovisual, o que, até então, era apenas um esboço imaginado da situação.

Diante de muitas outras representações fílmicas de instituições psiquiátricas e da loucura, encontramos o documentário *Bárbaras cenas* (2014), que foi produzido como um trabalho de conclusão do curso de Jornalismo do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – UNIFAE, de São João da Boa Vista/SP, pelos alunos Fernanda Leme do Prado, Marcelo Fiorini e Mateus Fiorini, sob orientação do Prof. José Dias Paschoal Neto. Apesar de ser um trabalho de graduação, desde o início, é possível notar a qualidade técnica e estilística da obra e a seriedade com que o assunto foi tratado. O filme começa mostrando fotografias antigas dos pacientes do hospital e logo aparece a frase de Basaglia sobre o local: “Estive hoje num campo de concentração nazista. Em nenhum lugar do mundo presenciei uma tragédia como essa”.

⁴ Em junho de 1979, Franco Basaglia, visitou várias cidades do Brasil, ministrando palestras e convencendo a todos sobre a necessidade de uma reforma antimanicomial. Basaglia conheceu o Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, no ano de 1979 e, posteriormente, escreveu um livro a partir dessa visita.

O documentário contém partes narradas, que se alternam com entrevistas, além do uso de antigas fotografias de pacientes e do local. As imagens fazem parte do acervo do Museu da Loucura de Barbacena. Os alunos também conseguiram acesso a 14 fontes: pessoas que trabalharam no hospital na época, ex-internos que hoje estão nas residências terapêuticas, jornalistas e fotógrafos que fizeram as primeiras denúncias sobre o local, psiquiatras e ex-diretores do hospital na época. A ideia também, segundo a diretora, Fernanda Prado, foi mostrar as mudanças que ocorreram após as denúncias, como a criação de clínicas terapêuticas para acolher os pacientes que ainda restavam no hospital.

No desenvolver do documentário, tomamos conhecimento de como todas as pessoas que incomodavam a sociedade eram enviadas para a instituição, e não somente as portadoras de transtornos mentais, de forma que, em 20 anos, a população hospitalar havia aumentado de 200 para cinco mil pacientes. Os entrevistados descreveram o Colônia como insalubre, adoecedor e local de violação de direitos humanos. O psiquiatra Antônio Soares Simone falou acerca da venda de corpos de pacientes mortos no Hospital para faculdades de medicina. Segundo ele, os ossos eram limpos ainda na instituição hospitalar, que vendia também órgãos desses cadáveres.

Diferentemente do documentário de Helvécio Ratton, que entrou no hospital enquanto ele ainda funcionava, e semelhante (embora, anterior) ao famoso documentário *Holocausto Brasileiro* (Arbex; Mendz, 2016), o *Bárbaras Cenas* (2014) foi construído a partir da memória daqueles que, de alguma forma, vivenciaram essas atrocidades. O documentário se tornou uma referência para cursos de escolas de medicina, além de ter sido premiado em 2º lugar no III Festival Internacional de Cinema e Saúde Mental de Faro (2015), em Portugal; e em 1º lugar no FestCine de Poços de Caldas (2016).

Após um levantamento exaustivo de informações, os diretores do *Bárbaras Cenas* montaram um roteiro e voltaram a cidade para a captação das imagens. Foram necessários mais de 20 roteiros, segundo a diretora, para se transformar 10 horas de gravações em 24 minutos de filme, alternando entrevistas e transposição de imagens antigas.

Com o “risco do real”, Jean-Louis Comolli (2008) defende que há uma negociação entre o documentarista e os sujeitos retratados, o enfrentamento entre as duas *mise-en-scènes* (de quem filma e de quem é filmado), porque há uma convivência entre esses elementos em um mesmo tempo e espaço. Acerca do roteiro e da linguagem, Comolli explica que: “desde que os filmes existem, os roteiros são ‘escritos’ em uma linguagem que importa pouco: as palavras estão ali provisoriamente, são as imagens e os sons que

escreverão realmente o filme” (Comolli, 2008, p. 171). Analisando o filme à luz das lições de Comolli (2008), percebe-se que o documentário *Bárbaras Cenas* (Fernanda Prado, Marcelo Fiorini e Mateus Fiorini, 2014) procurou contar a história sobre as atrocidades e violações de direitos humanos ocorridas no Hospital Colônia de Barbacena. A obra utiliza uma narração extra-diegética nos momentos em que as imagens antigas são mostradas e logos substituídas por imagens atuais, com tons vibrantes, para mostrar que os ex-internos consideram que estão, agora, fora do hospital, têm uma vida infinitamente melhor.

Também há momentos de denúncias dos próprios entrevistados, como médicos e jornalistas, que nos dão uma ideia do que realmente acontecia dentro daquele universo insalubre, em que doentes mentais conviviam com internos que eram somente indesejados pela sociedade da época, e que, não necessariamente, tinham algum transtorno mental.

Corroborando a visão de Comolli, Jair Giacomini (2016) afirma que “o corpo humano é a imagem por excelência do cinema”. É essa partilha entre o corpo de quem filma e o corpo de quem é filmado que manifesta a encenação do documentário. É essa encenação que se materializa na imagem-câmera pela decisão tomada. Os corpos diante da câmera deixam o traço de sua presença pela inscrição da luz numa superfície sensível (película, fita de vídeo, cartão de memória). O sujeito-da-câmera, com seu corpo, decide a cada momento o que será inscrito para permanecer em imagem (Giacomini, 2016, p. 50). Embora, nesse caso, as imagens desumanas sejam apenas a representação por meio de fotografias, podemos observar essa partilha entre o corpo de quem filma e o corpo de quem é filmado quando o filme mostra os rostos sorridentes daqueles que sobreviveram ao Hospital Colônia de Barbacena.

Embora, claramente roteirizado, o filme *Bárbaras Cenas* traz o que Comolli destaca em seu texto:

O cinema, na sua versão documentária, traz de volta o real como aquilo que, filmado, não é totalmente filmável, excesso ou falta, transbordamento ou limite – lacunas ou contornos que logo nos são dados para que os sintamos, os experimentemos, os pensemos. Sentir aquilo que, no mundo, ainda nos ultrapassa. As narrativas ainda não escritas, as ficções ainda não esgotadas (Comolli, 2008, p. 177).

Sendo mais um documentário entre os diversos que se debruçaram sobre as barbaridades do Hospital Colônia de Barbacena, podemos incluí-lo no rol dos que o fizeram com maestria, mesmo sendo um produto fruto de um TCC, que não contou com financiamento de qualquer espécie, além da estrutura da universidade.

Referências

Basaglia, Franco. **A instituição negada**: relato de um hospital psiquiátrico. Trad. por Heloisa Jahn. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

Basaglia, Franco. **Conferenze Brasiliane**. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2000.

Comolli, Jean-Louis. **Ver e poder**: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: UFMG/Humanitas, 2008.

Firmino, Hiram. **Nos porões da loucura**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1982.

Foucault, Michael. **Doença mental e psicologia**. Trad. por Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1975.

Foucault, Michael. **História da loucura**. 11.ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Franco, José. Hospício de Barbacena - sucursal do inferno. **O Cruzeiro**, Ano XXXIII, Nº 31, Rio de Janeiro: Diários Associados, 13 de maio de 1961.

Giacomini, Jair Marcos. **Partilhas do documentário**: a experiência na realização de Bateia. Tese (Doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Porto Alegre, 2016.

Ladeira-Fernandez J, Cheniaux E. **Cinema e loucura**: conhecendo os transtornos mentais através dos filmes. Porto Alegre: Artmed; 2010.

Filmes e vídeos

Bárbaras Cenas. Direção: Fernanda Leme do Prado, Marcelo Fiorini e Mateus Fiorini. São João da Boa Vista, SP: Unifae, 2015. DVD (24min), cor.

Doc Unifae - Bárbaras Cenas - Nº 3, Canal TV Unifae, apresentado em 21 de maio de 2020. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=gD5p1pX26cI](https://www.youtube.com/watch?v=gD5p1pX26cI)>. Acesso em: 28/06/2024.

Em nome da razão. Direção: Helvécio Ratton. Minas Gerais: Grupo Novo de Cinema, Brasil, 1979. DVD (24 min), p&b.

Holocausto brasileiro. Direção: Daniela Arbex e Armando Mendz. São Paulo, SP: HBO Brasil, 2016. Canal Max (90 min), cor.